

Anno 2º

Rio de Janeiro

Nº 54

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini
109 R. do Ouvidor



Noé — Pelo que vocês me contam, não é um diluvio d'água que devem receiar, mas sim um diluvio de tólices, devido à incapacidade dos que vos governam.
S. P. — Desgovernam, Sr. Noé!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

| CAPITAL | ESTADOS |
|-----------------------|-----------------------|
| Anno..... 25\$000 | Anno..... 30\$000 |
| Semestre 14\$000 | Semestre 16\$000 |

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 7 DE MARÇO DE 1896.

ITALIA-ABYSSINIA

As ultimas noticias da guerra entre a Italia e a Abyssinia impressionaram vivamente a populacao d'esta capital. Ninguem—nem um dos cidadãos que ama a terra amiga, que tanto tem concorrido para a immigração em nosso paiz,—podia deixar de lamentar o terrivel desastre soffrido pelas tropas italianas, nas quaes encontrava-se a élite do exercito da patria de Victor Emmanuel e de Garibaldi. O golpe foi profundo, e é realmente para sentir e depolar a derrota de Adua, em que milhares de bons soldados italianos tiveram de pagar com a vida o custo de uma politica errada e caprichosa.

Se em um ou outro grupo de desequilibrados, *nativistas* que nem sabem a que senha obedecem, a derrota do exercito italiano foi motivo de alegria e de contentamento, é justo dizer que entre nós esse desastre foi recebido com sinceras palavras de condoimento, desde que o valoroso exercito da Italia succumbiu heroicamente, resistindo com energia e verdadeiro patriotismo, cahindo no campo de combate mas não voltando as costas ao inimigo, em numero tres vezes superior.

De um lado a má politica colonial, iniciada e levada à *outrance* por Crispi, de outro a impaciencia e o empalidecimento da estrella do general Baratieri;—ainda mais: as eventualidades de uma guerra sem pontos de fixação e sem bases que a justifiquem—tudo concorreu para que o formidavel desastre fosse recebido em todo mundo como uma lição tremenda á potencia que se quer impôr á Africa do norte como a portadora do labaro da civilisação, tendo por porta-voz o retumbar dos canhões e o *cliche-cliche* dos fuzis aperfeiçoados.

Mas, evidentemente, não é d'isso que se trata agora, no momento doloroso em que a Italia sangra as suas dôres e a sua derrota pela bocca aberta de suas dez mil feridas, rasgadas nos corpos de outros tantos heróes que perceram no campo da batalha, luctando pelo idéal da patria, cujos intuitos mal comprehendiam mas a que obedeciam cégamente...

Esses heróes que succumbiram em Adua merecem o respeito, as saudações, as hosannas de todo o individuo que pensa, que reflecte, que tem a faculdade de sentir.

De acordo que o politico Crispi tenha sido um mau homem de Estado. Que depois de haver sacrificado o seu paiz na questão da moralidade publica, fabricando parlamentos a seu modo, e a custa do thesouro publico, haja querido salvar-se na campanha da Africa, para alli destacando milhares de homens—não destinados a guardar e enaltecer as glorias da Italia Unita—mas para engrandecer e perpetuar o seu nome á custa da vida d'elles;—de acordo que seja um homem mau, pernicioso e mercedor da maldição geral.

Mas ha entre Crispi e a Italia um abyssmo... Elle pensava unicamente em si; revia-se intensamente em sua gloria; era um megalomaniaco... E não ha hesitar, no momento que é, em dizer a verdade: que elle era o *mauvais sugget* do rei Humberto, e que a sua politica traduzia a ambição e o interesse pessoal, inflexivel ás vozes dos patriotas, imperterrita como um rochedo aos ataques das ondas da opinião.

Foi preciso que succumbissem dez mil homens em um só dia para que essa ostra do poder tivesse de afundar-se no nada, apupada por uma populacao que a maldizia.

Quem succumbiu no desastre de 1 de Março foi Crispi, foi a sua politica condemnada que recebeu a sua sentença,—demorada, mas justa. A Italia, essa salva da derrota o seu passado, a sua historia, o seu temperamento e o seu caracter.

Tambem Napoleão succumbiu em Waterloo; ou não succumbiu, para passeiar diante do mundo absorto e estupidificado a sua figura grandiosa, ainda que envolvida em sombras, resurgida para viver em Santa Helena o tempo preciso para purgar os seus

erros, sem desmerecer nem deslustrar as paginas que na historia escrevera com o seu terrivel gladio.

Mas Napoleão era um homem e a Italia é uma potencia. Essa derrota, que todos deploramos e que pertence á columna dos azares da guerra, não a deprime nem a diminue em sua grandeza. Mais cuidado, mais prudencia; menos *empressement*, e mais limitados desejos de conquistas—e todos os desastres de Ambalagi, de Adua, e outros, não diminuem o valor aos portadores da palavra da raça latina—d'esses que têm o supremo orgulho de representar a mais elevada manifestação da arte em todos os seus ramos, e de constituir um temperamento ferreo, guerreiro, capaz de, no momento dado e preciso, transformar a flauta canora do pastor e a redondilha graciosa do poeta em poderoso ariete de combate e em formidavel arma de guerra.

Referindo-nos á derrota de Adua, lamentamos sinceramente o desastre soffrido pela potencia amiga.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (rua do Ouvidor 109, assignaturas 30\$000 para os Estados e 25\$000 para a Capital, mas um jornal *tout à fait psychutt*) continua a gozar de inquebrantavel saude.

E' que as chuvas invariaveis de todas as tardes, os desmoronamentos, as inundações, e mais cousas abominaveis e insalubres, ainda não fizeram mossa cá por casa.

* *

O *Jornal do Commercio*, sempre sentencioso e cheio de a criterio, recommends ao governo que faça economias, para oppôr-se com vantagem á baixa e demais oscillações do cambio.

Já se deu começo a essa observação critica e amiga do vovô *Jornal*: Notámos que os sellos e estampilhas feitos na Casa da Moeda, do Sr. NN. de Souza, já não trazem gomma no reverso—e o que é indubitavelmente uma economia assas sensivel... de gomma.

* *

O *Rio de Janeiro* é de opinião que se entregue este paiz aos Srs. de Ouro Preto, Lafayette, João Alfredo e Gaspar Martins, para que elle vá de vento em popa... e à garra.

Faltou ao *Rio de Janeiro* a lingua:—e ao Sr. principe do Grão Pará, tambem, que sendo maneta não é pérneta.

* *

O *Paiz*, em dias da semana finda, em artigo editorial e entrelinhado, traçou com a maior perfeição e pequenos detalhes o typo do nosso bravo coronel Moreira Cesar, cognominando-o

o general Weyler, o guerreiro hespanhol que vai arrepiar a revolução de Cuba.

Não sabemos porque motivo o *Paiz* assim promove sem audiencia do Sr. Bernardo Vasques, aquelle coronel a general: será porque o Sr. Campos Salles temia em desejar-o para chefe de polícia do seu estado ou commandante do respectivo distrito?

**

O novo jornal monarchista que vai sahir a lume no dia 25 do corrente, anniversario do falecimento da antiga constituição do extinto imperio, terá por nome *A Liberdade*, segundo dizem os periodicos bem informados.

Liberdade... ou *Morte*, se faltarem assignantes, e recursos, e uma boa monção, dizemos nós.

**

Excellentes noticias da *Gazeta das ditas*:

«O valor do couraçado *Varese*, segundo os peritos que o examinaram, foi de sete a dez mil libras esterlinas.»

Dez mil libras, a 25 francos, 250 mil francos... O *D. Quixote* que está ancioso por oferecer um navio ao governo para augmentar a sua depauperada esquadra, desde já oferece mais 50.000 francos e fica com o *Varese* por uns trescentos e tantos contos de réis, pouco mais... salvo os 1316 que bloqueiam o tal 8 do cambio actual.

Já é um principio de vida.

**

Telegramma de New York para o *Jornal do Brasil* annuncia que na cidade de Princetown, estado de Nova-Jersey, os estudantes realizaram estrondosa manifestação contra a Hespanha, e no meio da maior exaltação queimaram em effige o rei D. Affonso III.

Pobre criança! Tão pequeno e já tão mal-tratado! A pilheria é evidentemente de mau gosto, e ainda que a queimadura fosse só em retrato o rei Affonsinho ha de ficar *queimado*.

Nem é para menos.

**

Por falta de tempo, espaço e paciencia— e tambem de noticias— fica nisto o trabalho dos bons amigos,

*Os reporters,
ESCENA & MONTREY.*

ROUBO NA ALFANDEGA

Dizem os jornaes sérios e fidedignos que os gatunos arrombaram um dos Armazens da Alfandega do Rio de Janeiro e d'ali bateram varias cousas, e outras, menos as desastradas tarifas. E accrescentam que foi aberto inquerito e providencias foram tomadas.

Ora succede que o Sr. Rodrigues Alves, ministro da fazenda (?) e financeiro symbolico, fantastico, incomprehendido e adepto do nephilastismo, tendo sciencia do caso, entendeu de despachar os papeis relativos ao roubo, dizendo com grande sobriedade de palavras e profunda agudeza de conceito: *Têm cem annos de perdão*.

Os contribuintes ficaram muito contentes: os gatunos grandemente vexados.

GIL.

OS CARAS DURAS E FILANTES

A facilidade com que temos attendido as reclamações de alguns nossos assiggnantes, tem dado em resultado augmentar o numero d'estas, e chover diariamente cartas no nosso escriptorio, com pedidos de numeros, que os seus destinatarios dizem não ter recebido.

Entretanto, a expedição das folhas é feita com toda a regularidade pelos nossos empregados encarregados d'esse serviço. A culpa, portanto, não é nossa.

Por varias vezes reclamámos do administrador do Correio da Capital Federal contra as faltas, na remessa da nossa folha aos assiggnantes do interior. As nossas reclamações foram sempre benevolamente attendidas e o serviço do correio d'aqui é feito, hoje, com o maior cuidado.

Se a irregularidade da entrega provém dos agentes do correio das localidades onde habitam os nossos assiggnantes, é a esses que devem ser dirigidas as reclamações e não a nós que... moramos longe.

E se estas não forem attendidas pelos ditos agentes... queixem-se ao bispo do lugar, mas não ao nosso que não tem nada com isso.

Os senhores assiggnantes devem comprehender que é do nosso interesse bem servil-os, pois que não temos outra fonte de renda senão o importe de suas assiggnaturas.

Até hoje sempre attendemos ás reclamações, enviando gratuitamente os numeros que declararam não ter recebido.

O resultado é estas augmentarem de dia para dia, o que nos faz crer que o mal não vem de todo do correio, nem dos seus agentes.

Esse mal, já o advinhámos, vendo seguinte: O habito, ou antes, o vicio de querer-se gozar tudo de meia cara e á custa dos outros.

Infelizmente, noventa por cento dos que leem o *D. Quixote*, têm esse mau habito que dá em resultado ficarem os nossos amaveis assiggnantes bastante aborrecidos e nós igualmente, por causa d'essa grande quantidade de caras duras, filantes de tudo em geral e do *D. Quixote* em particular.

Por exemplo: O Sr. X, homem de bom gosto (só sempre de bom gosto os que vem ou mandam tomar uma assiggnatura da nossa folha) recebe o *D. Quixote*.

Mal o entregador ou o carteiro acaba de entregar-l-o na sua loja, e já inumeros braços se estendem para o agarrar. O as-

signante (fatal delicadeza!) guarda-se para o fim, deixando que os amigos o olhem e leiam á vontade. E quando chega o momento em que elle julga poder gozar da despeza que fizera de 25 ou 30 reis para annualmente saborear (desculpem a modestia) as nossas garatujas á pena e a lapis, um dos admiradores, cara dura, diz-lhe: — Tem paciencia, eu quero mostrar a folha a minha mulher, que adora o Sancho Pança, e trago-a já. E o Sr. X, nosso assiggnante, (fatal condescendencia!) deixa levar o jornal.

D'ahi a momentos sobe para almoçar.

Apenas sentado á mesa:

— Já entregaram o *D. Quixote*? perguntam-lhe sua mulher, seus filhos e até sua sogra.

— Já, responde, meio embarracado, o nosso assiggnante, que declara ter o amigo Z levado o *D. Quixote* para mostrá-lo a sua mulher.

— Ora muito obrigado! O Sr. recebe a folha, lê a á sua vontade e a empresa a seus amigos que, ainda por cima, a levam para casa e cá ficamos nós, sua mulher, seus filhos, sua sogra, todos da casa enfim, á espera que a Senhora do Sr. fulano, seu amigo, a leia a seu gosto... E' muito bonito isto!

— Eu podia lá recusar?

— E o que traz a folha?

— Eu sei lá! Nem pude deitar-lhe os olhos em cima...

— Pois nem sequer o Sr. a viu?! Ora Senhor meu genro...

— Está bom mamãe, não se afflija. Olhe, meu marido, mande um seu caixeiro buscal-a. Essa Senhora já a deve ter lido.

— Pois sim, mando já.

D'ahi a minutos um empregado sai á procura da folha.

Grande alegria nas crianças e resignação forcada na sogra.

Começa o almoço. Ha uma certa frieza; todos estão calados e em expectativa. Apenas Totó observa timidamente que o caixeiro está demorando.

De repente ouve-se alguem subir a escada. E' elle, é o *D. Quixote*, diz Sinhá.

As physionomias mudam; ha um que de radiante em todos os olhos, que fitam a porta da sala de jantar.

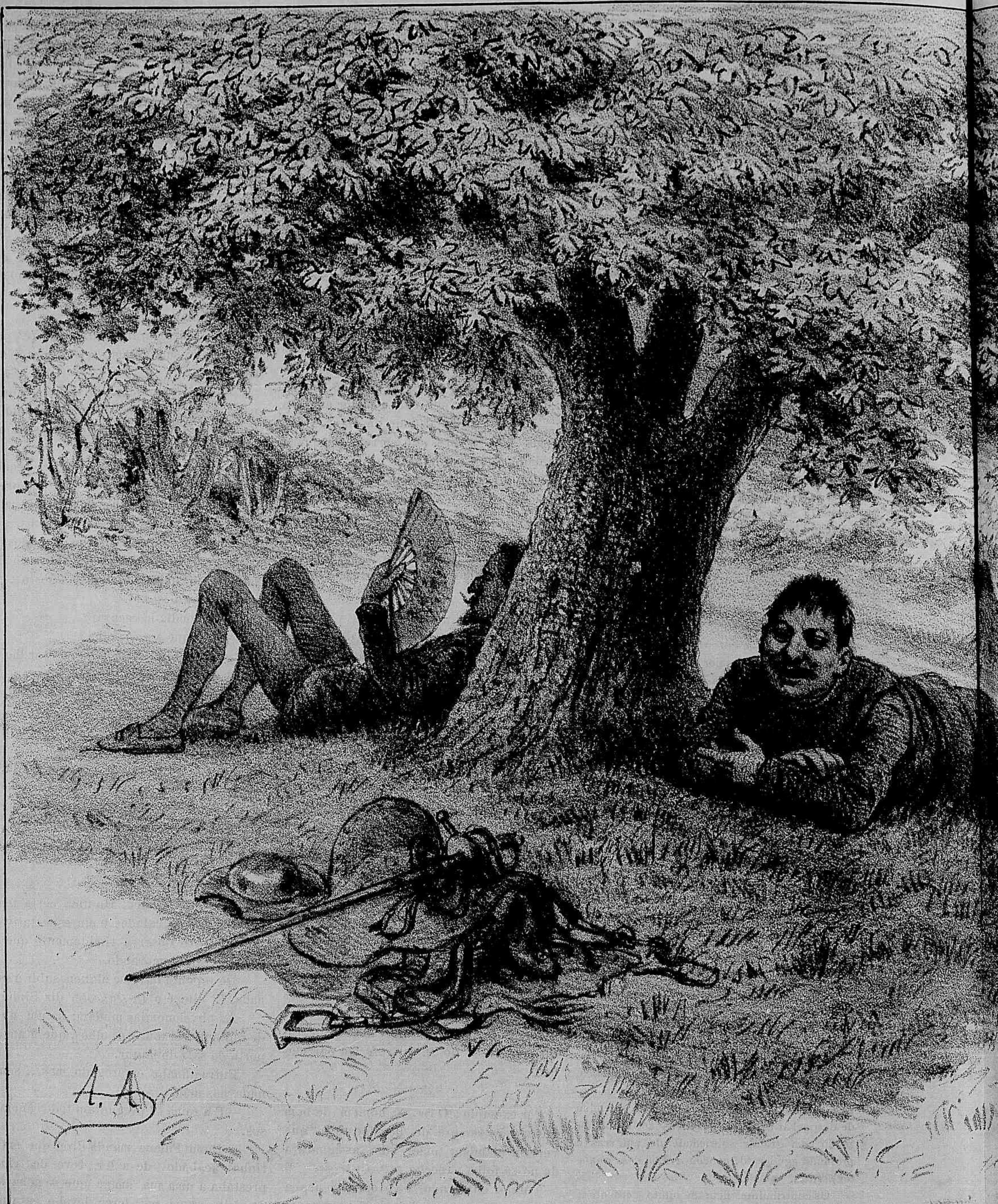
Entra afinal o empregado, mas... sem nada nas mãos.

— E a folha?! perguntam todos anciãos.

— Dona Fulana manda dizer que mal tinha acabado de a ler, teve de emprestar-a a uma sua amiga que se achava de visita e quiz por força leval-a para a Praia Grande, em casa da sua comadre,

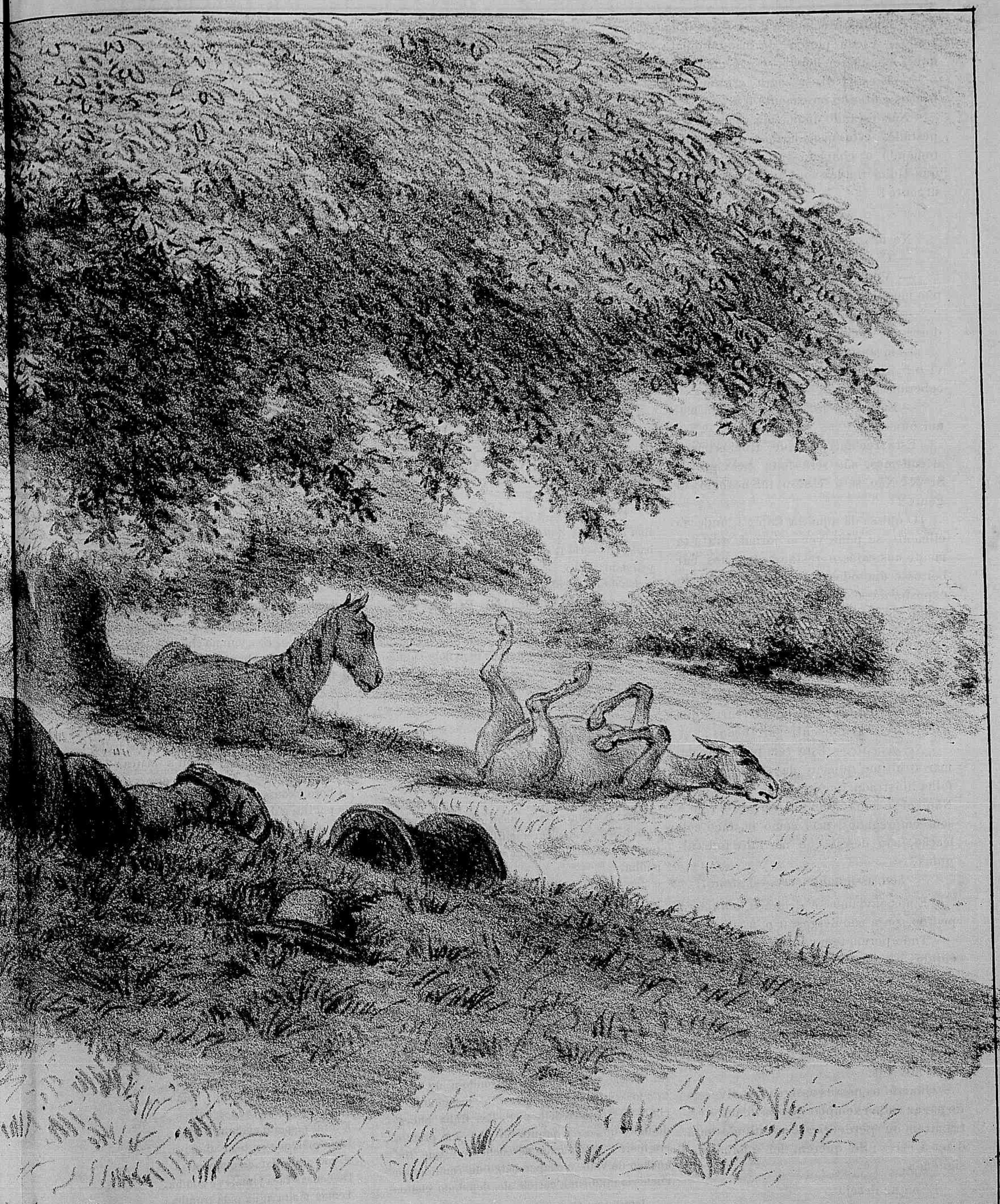
"Don Quixote"

Dolce far



Sancho Pança. — O calor é muito; os assuntos, poucos; e a vontade de gan-

niente.



garatujar... nenhuma! Não sei se me entendem - ou se me explico bem... .

que é muito apreciadora de jornaes illustrados. Ficou porem de mandal-o para aqui, amanhã ou depois se não chover.

— E esta? diz a sogra cruzando os braços e fitando ferozmente o Sr. X.

Não estando disposto a aturar a tempestade, este nem acabou o seu beef e, tomado o chapéu, raspou-se, dizendo que tinha rendez-vous para um negocio urgente!

No nosso escriptorio:

— O senhor deseja?...

— Venho buscar o ultimo numero que não me foi entregue.

— E' impossivel. Os nossos entregadores são bons e...

— Garanto aos Srs. que eu ainda não vi o D. Quixote e todos por ahi já o receberam.

— Emfim vá lá... E entregamos mais um numero.

Esta reclamação que graciosamente attendemos, não será feita pelo proprio Sr. X? Não será esse o tal negocio urgente?

O que se dá aqui na Capital, onde facilmente se pôde ver o jornal gratuitamente nos cafés e restaurantes, nos barbeiros e em todos os lugares onde se acha exposto, dá-se em muito maior escala nas cidades do interior, onde os nossos assignantes são mais victimas ainda da semceremonia dos filantes. Ahi uma folha percorre ruas inteiras e volta para o seu dono toda amarrrotada, rota e suja.

Por isso quando abrimos as cartas que o carteiro acaba de entregar, lemos:

Sr. gerente.— Esta tem por fim reclamar o ultimo numero da sua apreciada folha illustrada, que até hoje não recebi. Não sei se isto é devido ao correio ou a seus empregados, mas como eu faço collecção, não desejo que me falte folha alguma.

Seu assignante, etc.—Fulano.

E nós enviamos, e de graça, o numero pedido, para não desgostar o assignante.

Tudo porem tem um fim e estamos decididos a acabar com esse sistema.

De ora em diante, só attenderemos ás reclamações que forem acompanhadas da importancia do numero ou dos numeros reclamados, sendo as ditas cartas devidamente registradas. Cada numero é de custo de mil reis.

Quando os nossos assignantes tiverem de pagar cada exemplar que os filantes estragarem ou perderem, o resultado será dizer a estes: Se querem ler a folha, assignem-a.

E' o que deseja

A ADMINISTRAÇÃO.

A BRUXA

Se não fosse reccio de passarmos por fazer annuncio, diríamos que a *Bruxa*, cujo quinto numero vem de apparecer, promette muitas e grandes cousas, como um supplemento illustrado a tres cores e uma capa feita a capricho por Julião Machado.

Não. Não o faremos nunca, jamais, em tempo algum.

Limitamos-nos apenas a dizer que o Olavo e Julião arranjaram verdadeiras bruxarias no numero que temos á vista—e que é o quinto como já dissemos. As pilherias sobre o divorcio, a troça sobre a Ilha das Flores, e a melomania da Central, nas illustrações; a chronica, o carilhão da *Bruxa* e os outros artigos do texto, conseguiram uma cousa estapafurdia e indizivel: *embruxaram-nos*.

E enquanto digerem o neologismo... preparem o numero 6. Cá estamos para applaudirlo—e com ambas as duas mãos.

CHORO

Os rapazes aqui da cidade, a *troupe* masculina mundana d'esta capital, denominam aos bailes da serie B (ou *soirées* com torradões) um pequeno chôro. E dizem:—« Eu hoje vou ao chôro de D. Escolastica... Não foste convidado para o chôro do commendador Fortes! ? »

Eu protesto, em nome do meu nobre amigo Dr. Serzedello Corrêa, contra esta má invenção—ou antes contra esta denominação fantastica nepheleibata.

Chôro não é dansa. Chôro não é pilheria. Chôro não é batuque. Chôro não é marimba que preto toca.

Chôro é cousa muito seria, muito superior, muito sagrada, muito politica e muito levada da carépa: é assim como quem diz—uma cousa agri-doce, triste-alegre, auri-verde, verde-gaio, tem-te-não caias, tira-bota, preto-branco, perde-ganha.

E' o caso: o Dr. Serzedello, deputado pela capital federal, e filho da capital do Pará, foi eleito aqui n'esta Guanabara por uns tantos eleitores que estavam anciosos por levar á camera um homem que tivesse embranquecido na correção os seus cabellos, até ao ponto de embranquecer um chapéu de Chile, que deu de presente ao carcereiro, e que tivesse do Grande Marechal umas queixas... que não lhes digo nada. Um facto que concorreu para tal eleição, essa victoria estrondosa do eleitorado contra o Triangulo, foi justamente o chôro do Sr. Serzedello:—S. Ex. tinha chorado tanto que o seu pranto ja não era pranto, era maré; e uma maré de enchente e que lhe encheu de votos o chapéu baixo de candidato e encheria tambem a cartola de deputado eleito.

Isto foi na Correcção, e no Estado de Sítio, um dos muitos estados confederados da União.

Ora succede que esse mesmo Dr. Serzedello, teve a excellente ideia de ir até Belem, sua terra natal (como Christo, elle nasceu em Belem!); e lá chegando tantas cousas lhe disseram, e tal modo o assagaram, tantas manifestações e tantos brindes lhe distribuiram, que elle emitiu alli mais um esplendido chôro:—o chôro da gratidão—disse-o a *Província do Pará*.

Não foi o chôro do coronel Faria, nem do encarceramento, nem da Correcção nem de nada. Foi um chôro *sui generis*; um chôro novo, um chôro tal que o levou a pular do lugar em que estava e collocar-se ao lado de um retrato do Marechal de Ferro e proromper em... um novo chôro:

— Eu fui quem errou; foste tu que acertaste!

O auditorio applaudiu — e a grammatica tambem.

Estavam salvas a futura candidatura de S. Ex. e a syntaxe de concordancia.

Assim pois, e à vista dos autos, peço à rapsiada do Rio de Janeiro que não mais denome chôro aos bailes de meia tijella a que são convidados e a que comparecem.

Chôro é propriedade unica e exclusiva do nosso amigo, e correligionario, e deputado federal, e homem dos 23 instrumentos—o Sr. Dr. Tenente Coronel Serzedello Corrêa.

E' com esse chôro que S. Ex. se arranja nos momentos difficeis e trevosos—da Correcção; e com esse chôro que S. Ex. se livra de entallações inesperadas e encafifantes—no Pará, cercado por brindes jacobinos e retratos machelecos... S. Ex. tem no chôro a chave das circunstancias, o abre-te *Sezamo!* o toma que te dou eu!

E é por isso que eu peço aos maxixeiros d'esta capital, de que é representante o Sr. Serzedello, que não mais chamem choro aos bailes em que a contradansa se faz com a maica: *balancé de massidras! Ala van las ostras!*

Choro é cousa séria e respeitável: choro é arma politica e de grande força.

Se o não fizerem... o Sr. Serzedello chorará muito mais—e o que será uma calamidade invençivel, atterrisadora, abacadabrante, irremediável e catastrophica!

FELIX.

AGUA PELA TROMBA

Causou-me intreira e funda magua
A tromba d'agua
Que cahiu sobre a Sapucaia!
Oh! Deus permitta que não caia
Por estes lados
Cousa igual,
Para remir nossos peccados.

Nós temos agua a dar de bomba,
Todas as tardes, por signal.
E a tal respeito eis uma ideia
Idea-mãi, que eu bem affago-a,
E dou-a por patâca e meia:
De cousas taes jamais se zomba...
Temos muita agua pela tromba:
—Não desejamos tromba d'agua!

TIL.

Cartas de Inglaterra

Que pena que este homem se fizesse politico! Que lastima que não enveredasse pela carreira unica e exclusiva da litteratura!

Não fallamos movidos por nenhum sentimento de sympathia determinado por affiliação de ideias e de opiniões; não somos levados a dizer isto por nenhuma suggestão inherente ao respeito e à admiração que nos impõem o carácter e o temperamento do luctador que desbravou seu caminho a golpes de talento, de illustração e de audacia: mas a verdade é que o Brasil conta poucos, muito poucos espiritos tão preparados como esse de Ruy Barbosa, o illustre auctor das *Cartas de Inglaterra*, que ora aparecem em volume.

São artigos traçados ao correr da pena, quando elle estava no exílio em Londres, exercendo o *strugge for life*, escrevendo para encher tiras e para remettel-as no *Jornal do Commercio*... Ah! quem déra a muitos dos nossos litteratos produzir uma obra pensada, como essa feita *a la minute*?

Estylo terso, vigoroso e viril; a illustração irrompendo apezar das peias do momento e do trabalho limitado a tantas folhas de correspondencia; a citação precisa e a critica sensata, profunda e impiedosa por sá e justa— tudo se evidencia d'esse trabalho que quasi obscurece o grande valor do eminente jurisconsulto por todos admirado, do illustre orador por todos aplaudido.

Alma candida, carácter impolluto, organisação exquesita, primeiro cultor do trabalho seja como for— Ruy Barbosa affirma dia a dia sua superioridade intellectual na sociedade brasileira, e sua figura se engrandece e se avantaja cada vez que surge diante dos coevos: ou esmagando-os ao peso da sua dialectica no senado ou brindando-os com um livro de boa e sadia palavra portugueza como este das *Cartas de Inglaterra*, que lemos com desvanecimento e orgulho.

Ao Mestre uma saudação reverente.

TROMBA D'AGUA

Sobre essa tromba formidavel
Que cahiu lá na Sapucaia,
Vão perguntar ao bom e amavel,
Actor querido Joaquim Maia,
Como é que explica o lamentavel
Caso que outros não mais attraia.

— Não sei, diz elle, e nem terá
Explicação o caso estranho...
Se fosse em Belém do Pará
Justo seria o grande banho!...

— Mas no Pará, porque, amor?
— Por um motivo bem singello:
E' que alli está o chorão-mór
O Tromba d'Agua Serzedello!

F. MENDES.

SESSÃO SOLEMNE

DE ABERTURA DA SESSÃO ORDINARIA DO
CONSELHO DE INTENDENCIA MUNICIPAL

A' 1 hora da tarde, do dia 1, estando presentes os quinze intendentes e o batalhão policial, compareceu o Sr. prefeito Furquim Werneck. Trajava casaca preta, bigode de chim e um olhar doce, poeticamente derreado; não trazia espingarda e offerecia á contemplação extatica do exercito de empregados municipaes um abdomen proeminente que estava mesmo a pedir forceps em gritos.

Sobraçando um claque de forma triangular, S. Ex^a subiu com a elegancia que a solemnidade requeria as vastas escadarias do palacio da intendencia, acompanhado do hymno nacional e de uma chusma de pretendentes a varios cargos na repartição eleitoral por S. Ex. obstetricamente dirigida.

Entrou S. Ex. no recinto das sessões, tomou lugar á direita do presidente e logo entrou a ler uma mensagem... uma mensagem, irra! uma mensagem que quasi não acaba mais, que encheu de sonno o Sr. Gabizo, que fez bocejar o Sr. Gurgel, que amollou o Sr. Heredia, que fez adormecer o auditorio em peso, que inundou todo o districto federal e triangular.

Depois do que retirou-se S. Ex. com as mesmas formalidades e o mesmo ventre crescido, com o olhar doce, pensando no Triangulo e dando ao diabo não haver trazido a sua carabina para experimentar um tiro no Sr. Rodrigues Alves; e deixando sobre a mesa da Intendencia aquella cousa monstruosa e extraordinaria, aquella mensagem, aquella mensagem, aquella mensagem, aquella mensagem, aquella mensagem, aquella mensagem, comprida interminavel, irra! uma mensagem que vai d'aqui a Santa Cruz, de Santa Cruz a Paquetá, de Paquetá a Inhaúma, fechando o Rio de Janeiro n'um Triangulo e deixando a gente boquiaberta por ver uma prefeitura tão rica de rhetorica e tão pobre de serviços.

E ao som da philarmonica postada á porta foi S. Ex. fazer tranquillamente um parto difficult, enquanto dezenove continuos carregavam para dentro a tal mensagem, a tal mensagem, a tal mensagem, que diabos acarreguem tambem, desde que com a tal espiga não se tapam os buracos das ruas mal calçadas, não se asseia a cidade, não nos dão uma hygiene de verdade, não conseguem facilitar carne mais barata ao Zé Pagante, não melhoram as condições miseraveis do municipio, tão sujo quão federal; não fazem nada que preste, que se veja, que os justifique...

Apenas resta, por triste ficha de consolação, essa mensagem, essa mensagem, essa mensagem... que S. Ex. deu á luz sobre as cabeças resignadas dos Srs. intendentes, e sobre a paciencia e a humildade dos municipes acarneirados, absortos e contemplativos ante esse

mundo de papel vazio de valor, pomposamente rotulado de MENSAGEM.



E com o que— está aberta a nova pandega municipal, aberta solememente pelo ras Werneck.

O tachygrapho,
M. S.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos :

O MUNDO NO FIM DO SÉCULO, ideal socialista de Claude Sylvane.

Trata-se de uma brochura nephelibata que mal encobre o auctor, sob o seu pseudonymo, assás transparente, e que traz um introito provocador e quasi impertinente :

«Este livro que hoje é entregue á publicidade é ao mesmo tempo entregue á critica, mas á critica responsavel, á critica que sabe o que diz, enfim á critica scientifica. A' outra, essa que costuma andar por ahí assolhando-se impudentemente, não tem aqui que fazer.»

Em tal caso, ninguem sabe a que ater-se nem a que arvore abrigar-se : se dissermos qualquer cousa de bom— critica scientifica (que horror!); se dissermos mal— critica impudente (que desgraça!). Limitamo-nos pois a agradecer a Claudio.

A NOVA REVISTA, n. 2 do primitivo anno. Traz uma bella poesia de B. Lopes, intitulada *Angelus*; um bello artigo litterario de Gonzaga Duque Estrada— *Gozo Secreto*; a defesa do *Bom Crioulo*, de Ad. Caminha; um estudo philosophico de Clovis Bevilacqua e mais artigos em prosa e verso, que dão realce e imprimem verdadeiro interesse a este numero.

BOLETIM TELEGRAPHICO da Repartição General dos Telegraphos, primeiro numero do 2º anno, excellente publicação que perfeitamente serve os intuitos para que foi creada.

A ESTAÇÃO, jornal de modas e figurinos, interessante como sempre. E' o n. 4, correspondente a 29 do mez proximo findo.

LE PETIT ECHO DE LA MODE, n. 7 do XVIII anno, igualmente interessante como o precedente, trazendo grande cópia de figurinos, moldes e demais detalhes muito apreciaveis ao grupo a que se destina: ás senhoras do bom tom.

CEARENSE, polka por M. Lima, oferecida ao Sr. senador João Cordeiro, e impressa na casa Vieira Machado & C.

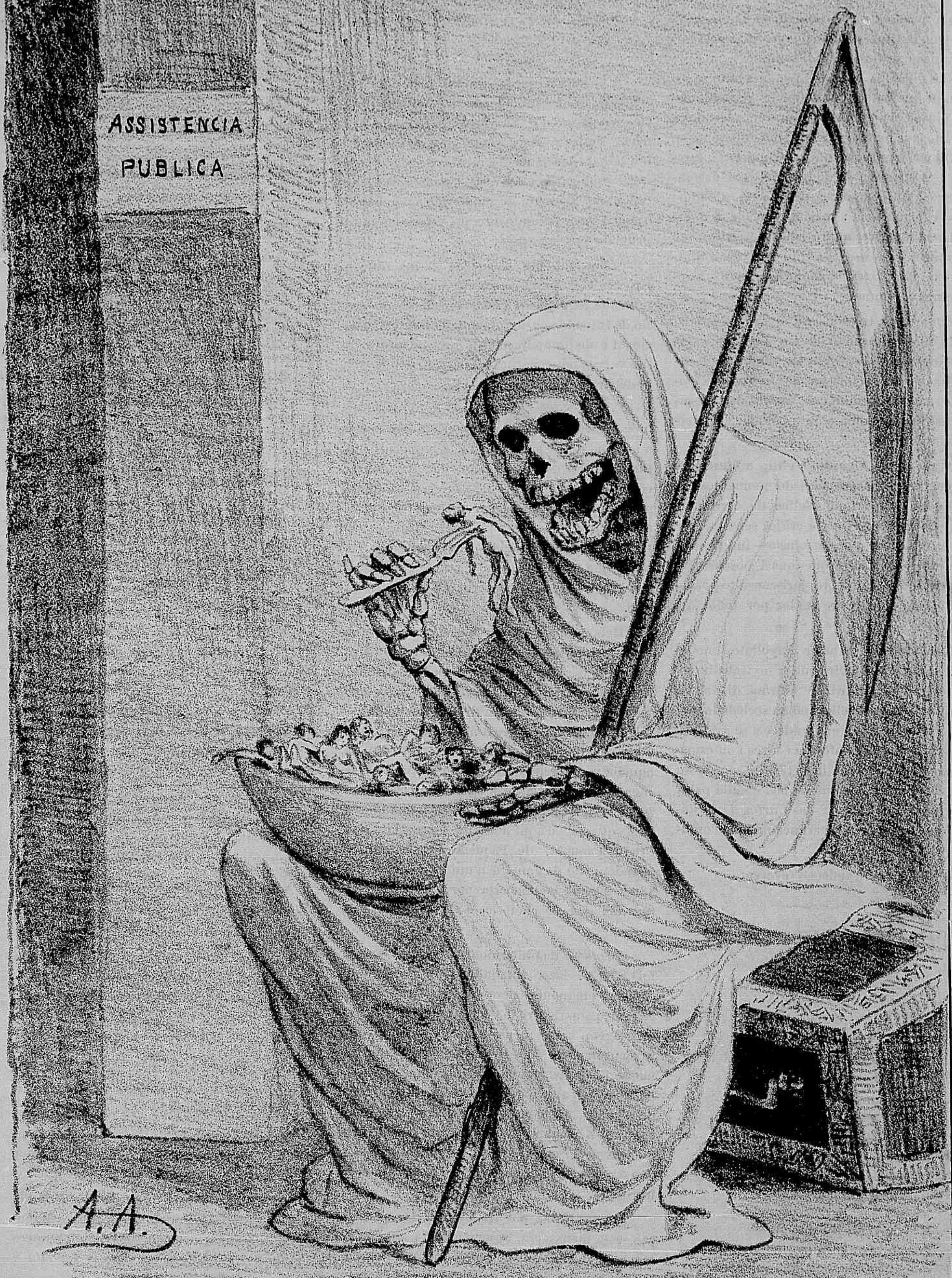
MEU COMPADRE E' PICHOTE, polka de Armando Milano, editada pela casa Buschmann & Guimarães.

Uma grande porção de pacotinhos de fumo, marca Veado, da grande companhia Manufactora de Fumos, e flauqueados de um numero igual de livrinhos de papel marcas Laurita e Condor... cousa papafina.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL

Minotauro amarelo

ASSISTENCIA
PUBLICA



Diaramente a Capital fornece a esse monstro, com acquiescencia
da Assistencia Publica um sem numero de victimas para devorar!